

## **Prazeres entre batuques e pincéis: o samba e a pintura de Heitor dos Prazeres no rádio, nos discos e nas exposições de arte<sup>1</sup>**

Graziela Valadares Gomes de MELLO VIANNA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### **RESUMO**

No presente artigo buscamos observar no documentário *Heitor dos Prazeres* (1965) de Antônio Carlos de Fontoura as relações que se dão a ver entre a música e a pintura do artista<sup>3</sup> que dá nome ao documentário, importante nome da velha guarda do samba, estabelecendo assim cruzamentos entre a sua carreira musical e nas artes plásticas. O nosso objetivo é entender como os sambas (veiculados no rádio e em discos) e as pinturas de Heitor dos Prazeres reforçam representações de uma suposta identidade coletiva nacional fundada na música, nas festas e outras práticas populares nos centros urbanos brasileiros nas primeiras décadas do século XX. Acreditamos que o documentário, narrado em primeira pessoa pelo artista pouco antes do seu falecimento, traz ao espectador vestígios de tais representações, por meio da memória e do trabalho artístico de Prazeres. Em uma visada benjaminiana, entendemos o documentário também como um relicário, que pereniza rastros da experiência e da memória do multiartista, habitante de uma cidade já inexistente. Para tanto, utilizamos como referências sobre os contextos sociais, culturais e políticos do surgimento e circulação do samba no início do século XX, tais como Muniz Sodré (1998) e Sandroni (2001) e sobre a sociedade carioca experienciada por Prazeres no início do século, como João do Rio (2007), além de uma pesquisa documental acerca das suas pinturas e suas composições musicais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023 na PUC-Minas (Belo Horizonte-MG).

<sup>2</sup> Professora Associada nível II do Departamento de Comunicação Social (FAFICH/UFMG), email: grazielavmv@gmail.com

<sup>3</sup> HEITOR DOS PRAZERES (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1898 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1966)

## 1 Quem foi *Heitor dos Prazeres* (1965)?

Eu sou Heitor dos Prazeres. Heitor dos Prazeres é meu nome. Esse prazer que eu tenho no nome é o prazer que eu divido com o povo. (...) A alegria desse povo, o sofrimento desse povo é o que me obriga a trabalhar. (...) Esse povo que sou eu: um homem do povo.  
Heitor dos Prazeres

Heitor dos Prazeres (1898-1966) foi uma figura chave da primeira geração de sambistas do Rio de Janeiro no início do século XX. Descendente de negros baianos que migraram para o Rio de Janeiro, participou da fundação de grandes escolas de samba cariocas. Ainda na década de 1930, cria um coro feminino como acompanhamento, *Heitor dos Prazeres e Sua Gente*, com o qual excursiona e se apresenta no Uruguai. Atuou nas Rádios Cosmos e Cruzeiro do Sul, onde apresentou o programa *A Voz do Morro*, com Cartola e Paulo da Portela. Torna-se ritmista da Rádio Nacional e do Cassino da Urca, onde se apresentava com nomes internacionais como Josephine Baker. Por volta de 1937, começa a se dedicar à pintura de maneira autodidata e torna-se reconhecido como um representante da pintura brasileira do século XX a partir da compra de uma das suas pinturas - *Festa de São João* - pela Rainha Elisabeth II da Inglaterra (FIG.1). As suas pinturas retratam as rodas de samba, as favelas, os rituais de candomblé, os bailes e as festas populares, a partir de cenas do cotidiano da população negra no subúrbio da cidade. Em 1951, fica em terceiro lugar na premiação de artistas nacionais na 1ª Bienal Internacional de São Paulo. Em 1953, participa da 2ª Bienal Internacional de São Paulo. Cria ainda cenários e figurinos para o Balé do IV Centenário da Cidade de São Paulo, no ano de 1954 (ITAU CULTURAL, 2023).

FIGURA 1



Festa de São João, 1942  
Heitor dos Prazeres  
Coleção Inter-American Fund  
n.d.

Na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, aparecem 104 entradas na listagem de suas exposições individuais ou participações em exposições coletivas, que incluem passagens por grandes mostras nacionais e internacionais de artes plásticas. A primeira exposição individual de Heitor dos Prazeres foi realizada com o artista ainda em vida, em 1959 na Galeria Gea, no Rio de Janeiro. Em comemoração ao centenário de seu nascimento, em 1999, foi realizada uma mostra retrospectiva no Espaço BNDES e no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Em 2003, foi publicado o livro *Heitor dos Prazeres: Sua Arte e Seu Tempo*, da jornalista Alba Lírio.

Em 2023, uma homenagem exaustiva ao artista é realizada no momento da escritura deste artigo: a exposição individual *Heitor dos Prazeres é meu nome* no Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro (CCBB-RJ) de 28 de junho a 18 de setembro de 2023. A curadoria faz uso da primeira frase dita por Prazeres no documentário como título da exposição. Além de exibições do documentário, shows com filhos e netos do artista, o CCBB convida o diretor do filme - Antônio Carlos de Fontoura a conversar com o público. A exposição teve início no dia em que submeti este artigo, eu estava fora do país e não tinha conhecimento da programação do CCBB. Foi uma feliz coincidência. A exposição confirma a relevância do artista para as artes plásticas e para a música no país<sup>4</sup>, o que é reafirmado pelo texto dos curadores

Importante sambista, compositor e instrumentista, Heitor dos Prazeres ingressou nas artes visuais como pintor autodidata, produzindo trabalhos que refletem a realidade pós-escravagista da população negra e representando artisticamente o que via e experimentava na sua vivência de homem negro: os fluxos migratórios de africanos e seus descendentes, a mudança do campo para a cidade, a religiosidade, a repressão policial, a capoeira, o samba, a afetividade, entre outros temas. (CCBB, 2023)

## 2 Heitor dos Prazeres – o documentário

O documentário *Heitor dos Prazeres* (1965) é um curta-metragem com 14 minutos de duração. O primeiro filme dirigido por Antônio Carlos da Fontoura<sup>5</sup> com montagem de Rui Guerra não se preocupa em narrar dados biográficos do sambista e pintor. Com a voz de Heitor dos Prazeres em *off* e imagens da vida cotidiana do centro do Rio de Janeiro da década de 1960, começamos a adentrar no universo do artista popular, de maneira poética, sem referências precisas à sua biografia.

---

<sup>4</sup> Além de dialogar com atual exposição do CCBB\_RJ, o presente artigo se relaciona com a minha atual participação no projeto sobre o samba de Belo Horizonte como patrimônio imaterial - desenvolvido pelo projeto República (UFMG) e pelo coletivo Mestre Conga - e com a minha nova formação em curso como bacharel em Artes Plásticas.

<sup>5</sup> Fontoura já havia trabalhado com Vianinha no teatro e com Eduardo Coutinho no seu filme inacabado “Cabra marcado para morrer” (1964) e se tornou um diretor de cinema e TV bastante profícuo ao longo da sua carreira, dirigindo desde episódios de seriados e programas de TV conhecidos como “Carga pesada” e “Você decide” até o seu último longa “Somos tão jovens” (2013), uma cinebiografia de Renato Russo da banda Legião Urbana.

Como Prazeres diz já na abertura do filme, o seu trabalho tem como matéria “a alegria e o sofrimento do povo”. O documentário segue o fio da memória do perfilado. Guiadas por esse fio de Ariadne<sup>6</sup>, as imagens mostram homens, mulheres e crianças anônimos que circulam pelo centro da cidade do Rio de Janeiro e alguns contrastes no centro urbano: Engraxates, vendedores ambulantes, militares, gente bem vestida, pessoas que pedem esmolas. Pessoas que têm pressa, andam rápido, passam por um anônimo que não se entrega ao ritmo acelerado da urbe e, calmamente, palita os dentes, encostado em um poste.

A câmera que nos mostrava os transeuntes no centro do Rio, de repente, corta para acompanhar o dono da voz dentro de um carro da época, que segue o ritmo da cidade grande. O carro acelera, pára nos semáforos, no engarrafamento, diminui ao passar por um carro parado por algum problema mecânico. Enquanto as imagens desfilam na tela, escutamos a voz de Heitor dos Prazeres que exalta: “não há nada mais sublime que a massa humana” (...) “o povo é tudo”. O povo do qual Heitor dos Prazeres se reconhece como parte. O povo que é inspiração para os seus sambas e para a sua pintura.

FIGURA 2



Carnaval  
Heitor dos Prazeres  
Óleo sobre madeira, s/d.  
37x 84,5 cm

Finalmente, chegamos ao casarão onde ficava o atelier de Heitor dos Prazeres na Praça Onze, no decadente bairro Cidade Nova, que abrigou também a casa da Tia Ciata, como veremos a seguir. Lá, continuamos a escutar Prazeres, desta vez discorrendo sobre o fazer artístico, sobre o bairro. Da varanda do sobrado onde instalou o seu atelier, ele divaga:

Praça Onze, que é a Cidade Nova, é meu bairro. um bairro que eu tenho amizade, vive no meu coração. O bairro da Praça Onze que é conhecido como Cidade Nova, tradicional Cidade Nova, que é a razão que eu me sinto feliz nesse meu atelier, vendo os panorama (*sic*) da favela, da rua General Pedra. Lembrando o meu saudoso colégio São Sebastião... A minha Cidade Nova. (*Heitor dos Prazeres*, 1965)

<sup>6</sup> Referência à Ariadne, da mitologia grega. Ariadne tece um fio de lã para que Teseu consiga sair do labirinto do Minotauro.

A tentativa de perenizar figuras e festas populares também está presente nas suas composições musicais como no samba *Primeira linha* (1930), em que são mencionadas figuras importantes da velha guarda do samba

O Mario Reis  
Ele é branco na verdade!  
De grande capacidade  
E é um bom cantador  
E o Caninha, o Donga e o  
Pixinguinha, são todos camaradinhas  
Igualmente o Sinhô!

Nesta função é melhor  
Chamar o Freitas  
Porque nisso ele se ajeita  
O pagode fica bom  
Vem o Ary, o Fogo e o Tomatinho  
Que já conhecem o caminho  
E a numeração do portão  
Eu convidei também o  
Chico viola!  
Que é o rapaz da escola!  
Danado pra vadiar  
Eu fiquei triste quando  
Vi o João da Gente  
Que é muito impertinente  
Fez o pagode acabar

Nomes como Mário Reis, Donga, Pixinguinha, Ary Barroso, assim como o próprio Heitor dos Prazeres são figuras-chave do período de surgimento do samba nas primeiras décadas do século XX. Assim, nada mais adequado encerrar o documentário com um samba de Prazeres. O documentarista registra então Heitor dos Prazeres tocando violão e cantando *Vai, saudade* (1965) acompanhado de um grupo vocal feminino, com mulheres vestindo roupas tradicionais de “baianas” utilizadas no Carnaval. O registro dessa performance é intercalado com imagens das suas pinturas, do morro da favela visto do seu atelier e do artista pintando.

Vai, vai, saudade  
Saudade voraz  
Vai dizer a ela  
Que eu não posso mais  
Vai, vai, saudade  
Me deixa viver em paz  
Vai, vai, saudade  
Saudade voraz  
Vai dizer a ela  
Que eu não posso mais  
Vai, vai, saudade  
Me deixa viver em paz  
Eu sou um covarde  
E covarde demais  
Vai, vai, saudade  
Me deixa viver em paz

Esse cruzamento entre a carreira musical e as pinturas de Heitor dos Prazeres se desvela no decorrer do documentário que leva o seu nome no título. O filme de estreia de Fontana é uma homenagem poética a Heitor dos Prazeres. A câmera percorre as pinturas de Heitor dos Prazeres e se encerra em meio às mulheres cantando *Vai, saudade*. Como já afirmamos, o documentarista não se preocupa em fazer uma cinebiografia, o que realizará mais tarde em outras produções ao longo da sua carreira, mas registra o que se tornaria um depoimento histórico, uma vez que o artista falece um ano depois da produção do documentário. A canção escolhida para o final do curta-metragem ganha assim ares premonitórios: mal sabia o diretor que o artista deixaria saudades já no ano seguinte.

Ao escolher a via poética, o roteiro apresenta diversas lacunas, mas entendemos que a extensa carreira de Heitor dos Prazeres não caberia em um curta-metragem de apenas 14 minutos de duração. No entanto, o filme incita o espectador a procurar pistas do percurso do artista, que se confundem com a própria história cultural do país. Tentaremos desvelar algumas dessas pistas no tópico seguinte.

### **3 Prazeres dos batuques – da Praça Onze ao rádio e aos discos**

O deslocamento do centro econômico do país, de Salvador para o Rio, na segunda metade do século XVIII, provoca, especialmente no século seguinte, uma migração da maioria dos negros do nordeste do país para o sudeste. Instalam-se no Rio de Janeiro, sobretudo no bairro da Saúde, mas também Riachuelo, na Lapa e na Cidade Nova (SANDRONI, 2001), onde Heitor dos Prazeres futuramente instalaria seu atelier em 1937. Nas imagens no interior do atelier (FIG.3), os instrumentos musicais se misturam a fotografias antigas, telas e tintas.

FIGURA 3



Heitor dos Prazeres (1956)  
Fonte: M. Barros/Memória Pública –  
Arquivo Público do Estado de São Paulo

Algumas pinturas são realizadas por Prazeres em instrumentos musicais utilizados em rodas de samba (FIG. 4).

FIGURA 4



Óleo sobre Couro  
20 cm (diâmetro).  
Pintado sobre um pandeiro da marca "Caramuru" (anos 1940)  
Fonte <https://www.harpyaleiloes.com.br/peca.asp?Id=11757398>

Nas novas comunidades do Rio, as mulheres baianas, conhecidas como “tias”, desempenham um papel central na organização das famílias e do entretenimento. Em casa, as noites musicais muito animadas acontecem na presença de negros da região da Bahia, da nova geração nascida no Rio, bem como de alguns membros das elites da nova capital (MELLO VIANNA, 2023). Essas "casas" estão menos sujeitas à perseguição policial, geralmente exercida em direção aos encontros musicais da comunidade negra. As elites, de fato, se acostumaram com esse tipo de lugar que, como resultado, parece menos perigoso (VIANNA, 2002).

Uma das tias baianas mais famosas é Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata, cuja casa era frequentada por Heitor dos Prazeres, como ele menciona em uma passagem do documentário. A distribuição dos diferentes gêneros de música tocados nos seis cômodos de sua casa é frequentemente usada como metáfora para explicar a mistura entre cultura burguesa e popular: na entrada, na sala de recepção, é tocada música mais erudita (como o *chorinho*) e danças consideradas "respeitáveis" como a polca, a valsa, a modinha portuguesa, etc. No meio, os sambas se desdobram com especialistas e sapateadores negros, que por sua vez formam, no pátio, os "bataques", com negros mais velhos, e

também praticam capoeira. No fundo do terreiro, aconteciam as práticas religiosas do Candomblé. Muniz Sodré considera essa ocupação da casa da tia Ciata como exemplo do que ele denomina como “biombos culturais”: tais biombos protegem a cultura negra de intervenções policiais, com, em especial, os bailes "caitados de branco" na entrada da casa (MUNIZ SODRÉ, 1998). Usando a mesma metáfora, poderíamos dizer que através desse biombo ocorre tanto uma mistura entre uma cultura de origem europeia e uma cultura de origem africana quanto uma aproximação do samba com a cultura urbana.

Heitor dos Prazeres faz parte dessa primeira geração do samba no Brasil que surgiu nas casas das “tias” baianas no Rio de Janeiro. A maioria das letras são apresentadas como crônicas da cultura urbana, ou seja, das transformações no cotidiano das pessoas que vivem nas cidades brasileiras, exaltando os modos de vida simples do país. A gravação do samba em disco altera especialmente o status do sambista. Se, anteriormente, as criações musicais feitas durante os encontros eram entretenimento sem qualquer finalidade comercial, os sambistas começam a ganhar dinheiro com suas composições e ter reconhecimento. Perseguidos pela polícia no início do século XX, a circulação dos registros fonográficos permitiu que eles fossem respeitados como artistas, considerados como estrelas, graças ao desenvolvimento do rádio na década de 1930, que executavam as músicas gravadas ou recebiam os artistas ao vivo em seus estúdios, e do cinema nacional. Heitor dos Prazeres passa então a trabalhar nas recém-inauguradas emissoras de rádio cariocas, uma das suas principais fontes de renda. O samba deixa assim as casas de resistência da cultura negra para se tornar parte integrante da cultura popular nacional.

A popularização do samba também coincide com o projeto nacionalista do governo Vargas que, ao mesmo tempo, estabeleceu um controle da imprensa e do rádio e usou o samba como meio de propaganda ideológica, desde os primeiros dias de sua presidência (MELLO VIANNA, 2023).

Se no meio musical, os sambas tocados no rádio e os registros fonográficos contribuíram para representações da identidade coletiva do país e da vida cotidiana nos centros urbanos modernos, nas artes plásticas, as pinturas de Heitor dos Prazeres, que passam a circular nos principais circuitos da arte moderna no Brasil e no mundo também são registros relevantes dessa vida cotidiana nas cidades. Tais modos de vida são representados por Heitor dos Prazeres nas suas composições musicais e nas suas pinturas, que começou a produzir em meados da década de 1930.

No documentário, Heitor dos Prazeres lamenta que o fazer artístico tenha se tornado comercial. Nas suas palavras, “é um sofrimento do artista que se sinta comercializado. (...) O artista que é obrigado a

comercializar-se, a atender a situações monetárias vive acorrentado e não acaba fazendo aquilo que ele quer.” No entanto, a popularização do seu trabalho artístico é que torna possível a sua sobrevivência. Foi a venda do seu trabalho à Rainha Elisabeth II que fez com que o seu trabalho ganhasse projeção internacional, ampliando assim a visibilidade da vida cotidiana periférica na cidade do Rio de Janeiro.

#### 4 Prazeres dos pincéis – do Pierrot apaixonado às exposições internacionais

Em 1936, havia falecido D. Glória<sup>7</sup>, sua primeira esposa e mãe de suas filhas. Heitor dos Prazeres foi então buscar outro meio de expressão artística, para além da música, para suportar a tristeza da sua perda. Mas, sua primeira incursão no campo das artes visuais foi em 1935 - um desenho colorido (não encontrado) que havia feito dois anos antes, para ilustrar a sua famosa parceria com Noel Rosa<sup>8</sup>: *Pierrot Apaixonado* (FIG.5).

FIGURA 5



*Jo Antonio Branco*  
*Amor Heitor dos Prazeres*  
Rio - 9-11-1956  
Jolly Fellow MARCHA PIERROT APAIXONADO  
Adaptado por Heitor dos Prazeres  
Heitor dos Prazeres e Noel Rosa

*Para seguir* *Para acabar* *Segue*

**CÓRO:**  
Um Pierrot apaixonado  
Que vivia só cantando  
Mas por causa de uma Colombina  
Acabou chorando!  
Acabou chorando!

**I.**  
A Colombina entrou no Belequim  
Bebeu... bebeu... sabia assim... assim.  
Dizendo: "Pierrot caçitel"  
Vae tomar sorvete  
Com o Arlequim!"

**II.**  
Um grande amor tem sempre um triste fim.  
Com o Pierrot aconteceu assim:  
Levando esse grande "shoot"  
Foi tomar Vermouth  
Com Amendoim!

**Chorus:**  
Once I was a jolly fellow,  
And went through my whole life crooning,  
But since she broke my heart to pieces,  
I gave up the crooning,  
And gave up the spooning...!

**Chorus:**  
A happy love is seldom realized,  
Though even no it should not be despised,  
But when someone gives you the air,  
You've got to face despair,  
And get your heart disguised...!

**Córo:**  
Um Pierrot apaixonado,  
Sempre sóis cantando,  
Mas por causa de uma Colombina  
Terminou chorando...  
Terminou chorando...

**I.**  
La Colombina entró en un cafetín  
Bebeu... bebeu... sabia así... así,  
Diciendo Pierrot amadol...  
Andé tomar helado  
Con el Arlequina.

**II.**  
Un gran amor trae siempre un triste fin  
Con el Pierrot aconteció así  
Al llevar ese gran "shoot"  
Fue a tomar Vermouth  
Y comer mant.

Copyright MCMXXXVI by R.S. Mangione  
São Paulo - Rio de Janeiro.

Partitura Pierrot apaixonado com dedicatória de Heitor dos Prazeres  
Fonte - <https://piaui.folha.uol.com.br/um-pierro-apaixonado/>

<sup>7</sup> Apesar do início da carreira como artista plástico de Heitor dos Prazeres, ter como ponto de partida a superação do luto pela morte da esposa, não encontramos referências mais precisas sobre a sua biografia, identificada apenas como Dona Glória nos textos sobre Heitor dos Prazeres.

<sup>8</sup> Noel de Medeiros Rosa (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1910 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1937). Compositor, violonista e intérprete.

A figura do *pierrrot*, sua fantasia predileta no Carnaval, torna-se recorrente em suas pinturas ao longo da sua carreira como artista plástico (FIG. 6) (FIG.7) (FIG.8) .

FIGURA 6



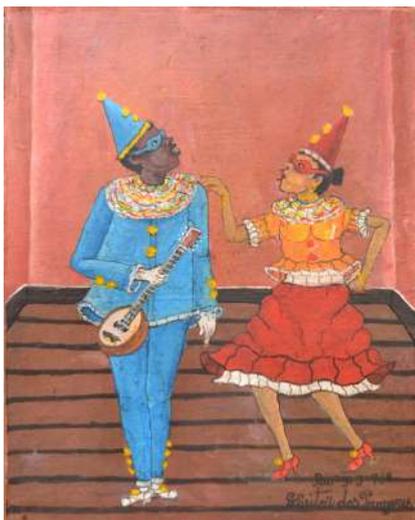
*Pierrô e foliões, 1963*  
Heitor dos Prazeres  
Coleção particular  
n.d.

FIGURA 7



*Samba nos Arcos da Lapa, 1964*  
Heitor dos Prazeres  
Coleção particular  
n.d.

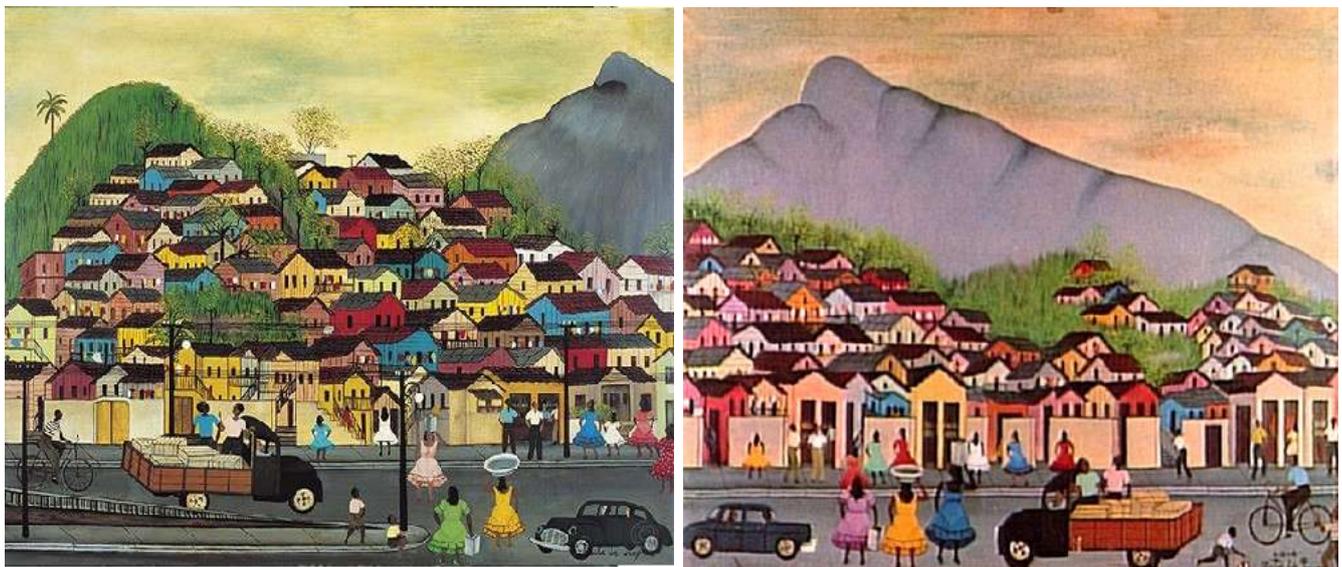
FIGURA 8



*Pierrrot e Colombina, 1962*  
Heitor dos Prazeres  
óleo sobre placa  
27 x 35 cm

A partir de 1937, com sua carreira musical já consolidada, Heitor dos Prazeres passa a se dedicar com afinco à pintura, representando em suas telas o cotidiano da “Pequena África”. Se a maioria dos sambas assemelha-se a discussões ordinárias ordenadas pelas regras gerais da composição musical e a melodia é inspirada no desenho melódico da linguagem oral das ruas, essa “alma encantadora das ruas” (como diria João do Rio<sup>9</sup>) também se desvela nas pinturas de Heitor dos Prazeres como rastros da vida cotidiana periférica (FIG.9).

FIGURA 9



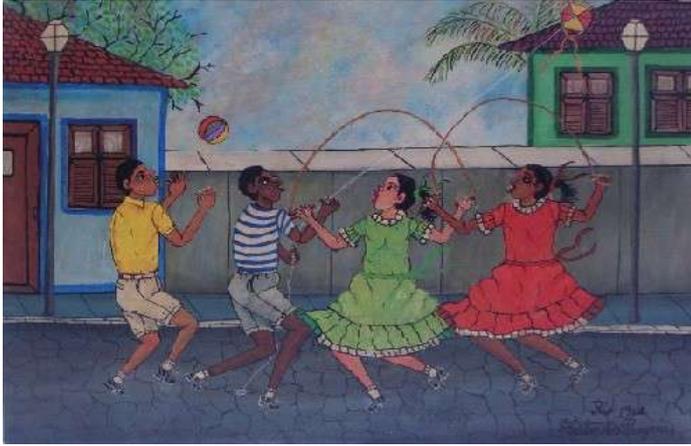
Série Favela, 1965  
Heitor dos Prazeres  
Óleo sobre tela  
130 x 96 cm  
Coleção Roberto Marinho

Em suas pinturas, os personagens sugerem movimento - com as cabeças geralmente viradas para o alto, com os pés com ângulos diferentes em relação ao chão, Heitor dos Prazeres nos faz imaginar o gingado da dança, o saltar de cordas na brincadeira (FIG.10). É importante notar que os pés das figuras pintadas por Prazeres estão sempre calçados – ter sapatos significava uma distinção social, uma vez que os antigos escravos não podiam usar sapatos. No Brasil de Prazeres, ter sapatos ainda era considerado um luxo.

---

<sup>9</sup> João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1881 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1921). Cronista, contista, dramaturgo, jornalista, conhecido por retratar o cotidiano das ruas e da *belle époque* do Rio de Janeiro no início do século XX.

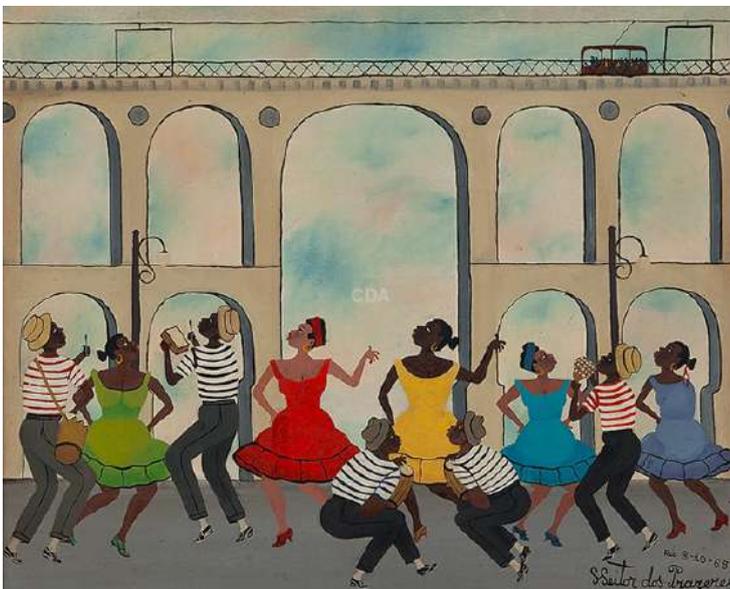
FIGURA 10



Crianças brincando, 1960  
Heitor dos Prazeres.  
Coleção particular  
n.d.

Percebemos rupturas com os cânones norteadores da pintura acadêmica, tais como a perspectiva, a profundidade, proporção, pontos de fuga, a utilização das cores, etc. Além disso, como já afirmamos, as festas juninas e o Carnaval são temas recorrentes nas pinturas de Prazeres e se constituem como rastros de memória de tais manifestações populares (FIG.11)

FIGURA 11



Sambistas  
Heitor dos Prazeres  
65cmx54cm  
Óleo sobre tela  
n.d.

Memórias de seu passado e cenas do cotidiano da população periférica da cidade do Rio de Janeiro são os temas principais de sua produção. A música também está presente na pintura de Heitor dos Prazeres e é o mote de diversas de suas telas, com cenas de bailes de carnaval e rodas de samba. (...) Por meio dos movimentos de saias rodadas, braços e pernas das personagens em diferentes ângulos, as figuras bidimensionais ganham ritmo. (ENCICLOPEDIA ITAU CULTURAL, 2023)

Nas suas composições musicais, Heitor dos Prazeres também reafirmava a valorização do samba e da cultura popular, até poucos anos antes do seu falecimento, como por exemplo no samba *Nada de rock, rock* (1957)

Moçada, nosso caso no Brasil  
é samba  
É um pandeiro, uma mulata  
e um crioulo  
com passo de bamba  
Um violão, uma cuíca,  
uma mulata  
cheia de miçanga  
Nada de rock rock, de rock rock  
Nós queremos é samba  
Um samba ritmado  
bem tocado  
cheio de remelexo  
Uma mulata bem sestosa  
requebrando  
faz cair o queixo  
Sabe lá o que é isso?  
Onde tem um bamba,  
Nada de rock rock, de rock rock  
Nós queremos é samba

### **5 Apito final: à guisa de conclusão**

Neste artigo, que teve como ponto de partida o documentário *Heitor dos Prazeres* (1965) de Antônio Carlos Fontoura, observamos como a pintura e produção musical do artista perenizam no tempo presente rastros de representações da identidade coletiva de um tempo passado.

Os registros de Prazeres na música e nas artes plásticas representam a vida cotidiana do Rio de Janeiro, as festas populares. Podemos considerar como um exercício benjaminiano de escovar a história a contrapelo (Benjamin, 1940), ao evocar nas suas telas e canções, narrativas de pessoas anônimas que não fazem parte dos livros de História. O movimento dos corpos ao dançar o samba está presente não apenas na música de Prazeres, mas também nas suas telas. No documentário, Heitor dos Prazeres confessa que ele pintava tudo de memória, sem modelos vivos. Memória da cidade antiga, de uma Praça Onze efervescente, engolida pela modernização da cidade. Memória do que viveu no tempo passado e no tempo presente:

Não consigo fazer nada que não existe, porque eu não me sinto bem. Essas figuras que eu faço são coisas que eu já vi, que ainda existe. Esses bailes, estas macumba, esses samba (sic), estas coisas que existe. Tanto existe que eu sou um dos que existe. Eu não preciso ver mais, não preciso de modelo. Eu tenho tudo aquilo do passado, e de agora, dentro da minha memória (Heitor dos Prazeres, 1965)

Como *Funes, o memorioso* de Borges, Heitor dos Prazeres não se esquecia. Registrava nos sambas gravados em discos e com as cores nos pinceis memórias das rodas de samba, da vida na periferia. Do povo que sofre, como ele diz no documentário, mas que também faz festa. Graças à circulação nos discos, pelo rádio ou, atualmente, pelas plataformas digitais, e nas exposições de arte, o testemunho de Prazeres das histórias dos vencidos, como diria Benjamin, ainda reverbera nos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO CARLOS DA FONTOURA. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa16273/antonio-carlos-da-fontoura>. Acesso em: 25 de janeiro de 2023. Verbete da Enciclopédia.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. Vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HEITOR DOS PRAZERES. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10428/heitor-dos-prazeres>. Acesso em: 25 jul. 2023. Verbete da Enciclopédia.

HEITOR DOS PRAZERES. Direção: Antônio Carlos da Fontoura. Intérprete: Heitor dos Prazeres. Rio de Janeiro: Portal Curtas, 1965. Documentário (14 min.). Disponível em: <[https://portacurtas.org.br/filme/default.aspx?name=heitor\\_dos\\_prazeres](https://portacurtas.org.br/filme/default.aspx?name=heitor_dos_prazeres)>. Acesso em: 23 jan.2023

MELLO VIANNA, Graziela V.G. **100 ans de la première samba enregistrée (1916-2016) : un petit portrait musical du Brésil**. Paris: L'Harmattan/ Éditions INA, 2023 (original em francês).

MUNIZ Sodre. **Samba - O dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Martim Claret, 2007.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço Decente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

ZANINI, Walter (org.). **História geral da arte no Brasil**. São Paulo: Fundação Djalma Guimarães: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. v. 1.